

Vícios públicos,  
investigações privadas.

N.º 1 EM TODO O MUNDO

# JAMES PATTERSON

MAIS DE 250 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

# PRIVATE

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO

com MAXINE PAETRO



TOPSELLER

PRÓLOGO

«ESTÁS MORTO, JACK»

## UM

---

Tanto quanto me consigo vagamente lembrar (o que é bastante compreensível), a primeira vez que morri foi pouco mais ou menos assim.

As rajadas de morteiros caíam violentamente à minha volta, soltando aquilo que parecia uma chuva de lâminas afiadas. Eu carregava aos ombros o cabo Danny Young, meu camarada nos fuzileiros navais. Adorava mesmo aquele tipo: era o soldado mais duro com quem já tinha combatido, espirituoso como um raio, e, acima de tudo, estava cheio de esperança — com a mulher lá nos confins do Texas grávida do quarto filho.

Agora, o sangue dele escorria-me pelo fato-macaco abaixo, encharcando-me as botas como se se escoasse de um algeroz.

Corri às escuras pelo chão coberto de pedras e virei-me para ele, afogueado pelo esforço:

— Estou aqui, Danny. Estou aqui. *Fica comigo*, ouviste?

Pu-lo suavemente no chão, afastado do helicóptero, e de repente sentiu-se o abalo de uma explosão, como se a terra tivesse sido esmagada à minha volta. Senti que um martelo me batia no peito, e acabou tudo aí.

Morri. Passei para o outro lado. Nem sei quanto tempo estive fora daqui.

O Del Rio explicou-me depois que o meu coração tinha parado.

Só me lembro de nadar em direção à luz, e da dor, e do fedor horrível a combustível de avião.

Os meus olhos abriram-se de repente e lá estava o Del Rio a esfregar-se contra a minha cara, enquanto me comprimia o peito com as mãos. Soltou uma gargalhada quando abri os olhos — e ao mesmo tempo corriam-lhe lágrimas pela cara.

— Jack, meu grande filho dum cabrão, voltaste!

Uma cortina densa de fumo preto oleoso voou por cima de nós. Lá estava o Danny Young, deitado no chão ao meu lado, com as pernas desconjuntadas num ângulo impossível, e o helicóptero atrás do Del Rio, por entre labaredas brancas, prestes a explodir.

Os meus colegas ainda estavam lá dentro. Os meus amigos. Tipos que tinham arriscado a vida para me salvarem.

Consegui balbuciar qualquer coisa:

— Temos de os tirar dali.

O Del Rio fez o que pôde para me agarrar, mas eu enfiei-lhe o cotovelo em cheio no queixo. Ele caiu para trás e eu escapei-me, e comecei a correr em direção ao pássaro caído, precisamente quando a sua pele de magnésio começava a arder.

Havia fuzileiros lá dentro e eu tinha de os safar.

A metralhadora de cinquenta milímetros desatou a martelar sozinha o seu terrível *tá-tá-tá, tá-tá-tá*. A artilharia explodiu dentro do helicóptero em chamas. O Del Rio gritava:

— *Baixa-te, seu cabrão! Jack, baixa-te imediatamente!*

Pude sentir os seus noventa quilos a atirarem-me ao chão, quando se lançou para cima de mim, e o helicóptero desapareceu por entre as chamas, brancas de tão quentes que eram. Eu não estava morto, mas muitos dos meus amigos sim. Juro pelo que é mais sagrado que trocava de bom grado com eles.

Acho que isso diz muito sobre mim — mas não sei se dirá só coisas boas. Hão de ver por vocês mesmos e poderão julgar depois.

É tempo de se recostarem nas cadeiras. Vai ser uma longa história... mas é uma boa história.

## DOIS

Tinham-se passado dois anos depois de eu regressar do Afeganistão e da guerra. Não via o meu pai há mais de um ano e não tinha nenhuma razão (nem vontade) para o voltar a ver. Mas, quando ele me ligou, explicou que tinha uma coisa muito importante para me dizer. Que era urgente e que ia mudar a minha vida.

O meu pai era um manipulador, um sacana de um mentiroso, mas apanhou-me com aquela, e por isso lá estava eu, a entrar pelo muito pouco convidativo portão dos visitantes da Prisão Estatal da Califórnia, em Corcoran.

Dez minutos depois, sentei-me em frente à divisória de acrílico enquanto ele entrava para o seu cubículo do outro lado e me lançava um sorriso, deixando à mostra o espaço entre os dentes de mentiroso. Fora um tipo bem-parecido, no seu tempo; agora, parecia apenas uma espécie de Harrison Ford viciado em metadona.

Pegou no telefone e eu imitei-o do meu lado da divisória.

— Estás com bom aspeto, Jack. A vida corre-te bem.

— Estás mais magro — limitei-me a comentar.

— Só nos dão comida de ratos, filho.

E o meu pai retomou o ponto exato em que tinha parado da última vez que o fui visitar. Queixava-se de que já não havia criminosos decentes, só reles bandidos.

— E depois matam o pobre diabo que tem um emprego de merda na estação de serviço. Transformam aquilo que era um

simples assalto numa sentença de prisão perpétua... e para quê? Uns míseros cem dólares?

Ao ouvi-lo voltar àquilo, retesei o pescoço e as costas e fiquei com uma terrível dor de cabeça. Ele insistia naquela arenga sobre os pretos e os hispânicos e como eram todos tão estúpidos, mas na verdade lá estava ele a cumprir prisão perpétua por extorsão e homicídio. A mesma pena, a mesma prisão que os reles bandidos. Senti-me humilhado por todos aqueles anos passados a admirá-lo, por todas as alturas em que fiz das tripas coração para lhe sacar um «Muito bem, Jack!», em vez do mais rotineiro par de estalos.

— Então vamos fazer uma coisa, Tom — respondi-lhe. — Vou ter uma conversinha com o diretor. A ver se te podem transferir para o Bel-Air ou o Beverly Wilshire, ou qualquer hotel de luxo mais ao teu gosto.

Ele deu uma gargalhada.

— Boa! Mas fico-te a dever uma...

E eu não consegui evitar um sorriso.

— Não mudas nunca, tu.

Ele encolheu os ombros e sorriu-me também.

— Porque é que haveria de mudar, Jack?

Reparei que ele tinha tatuagens novas, agora nos nós dos dedos. O meu nome na mão esquerda, o do meu irmão na direita. Eram os punhos com que nos costumava sovar, dizendo sempre que nos ia «tirar a morrinha a murro». Tamborilei com os dedos no peitoril da janela de acrílico.

— Estou a aborrecer-te? — perguntou ele.

— Claro que não! É só que estacionei mesmo em frente a uma boca-de-incêndio.

O meu pai voltou a soltar uma gargalhada e disse:

— Quando olho para ti, é como se me estivesse a ver. Quando era um tipo idealista...

Filho da puta narcisista. Ele continuava a achar que era o meu ídolo, o que não podia andar mais longe da verdade.

— Jack, deixa-me fazer-te uma pergunta séria. Gostas mesmo de trabalhar para aquela agência de detetives inúteis e ridículos do Pinkus?

— O nome é Prentiss, pai. Aprendi muito com ele. Sou bastante feliz. E sou muito bom no meu trabalho.

— Estás a perder o teu tempo, Jack. E tenho uma oferta melhor. — Esperou até ter a certeza de que tinha toda a minha atenção e então concluiu: — Quero que tomes conta da Private.

Acho que era esta a parte em que supostamente a minha vida ia mudar.

— Pai... Já não te lembras? Tudo o que resta da Private é um monte de armários de arquivo amontoados numa arrecadação.

— Amanhã vais receber uma encomenda — continuou ele, como se eu não tivesse dito nada. — É uma lista de todos os meus velhos clientes... e dos podres deles. E deve haver pelo meio um papel a passar para o teu nome a minha conta bancária nas ilhas Caimão — disse ele. — São quinze milhões de dólares, Jack. É tudo teu. Faz o que quiseres com eles.

Ergui o sobrolho, incrédulo. A Private tinha sido responsável por uma série de trabalhos de investigação para estrelas de cinema, políticos, multimilionários, até mesmo para a Casa Branca. E o meu pai não era nada meigo quando chegava a hora de cobrar pelos seus serviços. Mas *quinze milhões*? Como é que ele tinha feito tanto dinheiro? Será que eu queria mesmo saber?

— Onde está o rabo do gato, não é? — perguntou ele por mim. — É muito simples. Não digas nada sobre o dinheiro ao teu gemozinho. Tudo o que alguma vez lhe dei acabou a entrar-lhe pelo nariz adentro ou a sair pela mesa de jogo. Esta é a tua metade da herança, Jack. Estou a tentar fazer uma coisa honesta, ao menos uma vez na vida.

— Não me ouviste dizer que sou bastante feliz na Prentiss? — perguntei.

— Quem me dera que pudesses ver a tua cara, Jack. Ouve... Não queres mesmo deixar-te desse joguinho do «gémeo bom» por meio segundo e pensar bem no assunto? Essa coisa do dinheiro bom e do dinheiro mau não passa de um monte de tretas. É tudo igual. É só um meio de troca. E tens aqui uma bela oportunidade. E das grandes. Quinze milhões de dólares em oportunidades. Quero que a Private fique para a história como a melhor das melhores. És um puto esperto, jeitoso e, ainda por cima, um sacana dum herói de guerra. Tens de ressuscitar a Private. Podes fazê-lo por mim ou, se preferires, melhor ainda, por ti próprio. Não tentes fugir com o rabo à seringa quando te estiverem a dar um bom remédio. Tens de transformar a Private na melhor do mundo. Eu dei-te o dinheiro, tu tens o talento e a compaixão; por isso, só te falta mesmo pôr mãos à obra.

Um guarda poisou a mão no ombro do meu pai. Ele apertou mais um bocado o telefone, olhou para mim com uma espécie de ternura que eu não lhe via desde os meus cinco ou seis anos e disse:

— Escolhe a vida que mereces, Jack. Faz coisas importantes. Tocou no vidro com a mão e depois virou as costas.

Uma semana depois da minha visita à prisão de Corcoran, Tom Morgan foi navalhado na barriga. Três dias mais tarde, o meu pai estava morto.

PRIMEIRA PARTE

CINCO ANOS  
DEPOIS, COM  
TUDO A CORRER  
CONFORME  
O PREVISTO

# CAPÍTULO 1

---

Não sei muito bem porquê, mas a verdade é que as pessoas me confiam os seus segredos. Deve ser qualquer coisa na minha cara, provavelmente nos meus olhos. Um ou dois meses antes, fora a vez de Guinevere Scott-Evans tentar a sua sorte e confiar-me a vida e a carreira.

Agora, ela agarrava-me na mão enquanto eu a ajudava a sair do meu *Lamborghini* azul-escuro. Bamboleava recatadamente as ancas estreitas, endireitando o vestido preto que lhe assentava na perfeição. Era deslumbrante, uma estrela de cinema da primeira divisão que também conseguia ser genuinamente engraçada e suficientemente esperta para ter tirado o curso na universidade de Vanderbilt.

Eu era o seu acompanhante na cerimónia de entrega dos Globos de Ouro, o que era uma forma de ela me agradecer por ter andado a seguir o seu marido roqueiro, que, afinal, tinha andado a traí-la com outro homem.

A Guin estava a sofrer, como eu muito bem sabia, apesar de o tentar disfarçar na cerimónia dos Globos, mas queria que a vissem nessa noite com um *borracho* — a palavra é dela —, e percebi também que ela própria queria sentir-se apeteçível.

— Vai ser giro, Jack — disse, apertando-me os dedos. — Vamos ficar numa mesa ótima. As pessoas da Columbia Pictures e o Matt, como é óbvio.

A Guin era candidata a melhor atriz secundária numa grande história de amor que tinha filmado com o Matt Damon. Achei que tinha boas hipóteses de ganhar e esperava sinceramente que levasse o prémio para casa. Eu gostava muito da Guin.

À porta do Beverly Hilton, os fãs divertiam-se com o aquecimento para o jogo, gritando pelo nome da Guin enquanto avançávamos junto à corda do tapete vermelho, com as câmaras a dispararem à nossa volta. Uma das fãs apontou-me o telemóvel e perguntou se eu era «alguém». Dei uma gargalhada.

— Achas? Sou só uma ama-seca jeitosa.

A Guin largou a minha mão para beijar o Ryan Seacrest, que a puxou para o meio dos holofotes. Os fãs queriam-na *a ela*, mas ela pôs-me o braço à volta da cintura e obrigou-me a posar para as fotografias ao seu lado.

O Seacrest alinhou na brincadeira, elogiou o bom corte do meu *smoking* e quis saber qual era o meu nome. Franziu um pouco o sobrolho enquanto se tentava lembrar se me conhecia de algum lado.

Entretanto a Scarlett Johansson chegou, disse «Olá, Jack», e eu e a Guin fomos enxotados ao longo da passadeira vermelha que corria por entre a multidão de fotógrafos e fãs até à entrada do Beverly Hilton.

Que péssima altura para o telemóvel tocar.

— Não atendas, Jack — pediu-me a Guin. — Estás de folga. És meu durante o resto da noite, está bem? — O sorriso desvaneceu-se-lhe e uma sombra de inquietação tomou conta das suas feições angelicais. — Está bem, Jack?

Olhei para o ecrã do telemóvel.

— Espera só um segundo, por favor.

Era o Andy Cushman ao telefone. Eu mal podia acreditar: o Andy é um verdadeiro durão, mas a voz do outro lado da linha parecia prestes a desfazer-se em lágrimas.

— Jack... Preciso que venhas cá a casa. Preciso de ti *agora*.

— Andy, não é propriamente a melhor altura. Acredita em mim. O que é que se passa?

— É a Shelby. *Ela está morta, Jack.*

## CAPÍTULO 2

Morta? Como podia a Shelby ter morrido? Tinha de haver um engano qualquer. Mas como?

Fui eu quem apresentou a Shelby ao Andy. Há menos de seis meses, fora padrinho no casamento deles. Tinha jantado com eles na semana anterior, no Musso and Frank. O Andy disse-me que o primeiro filho deles se ia chamar Jack: nem John, nem Jackson. Só Jack.

Teria a Shelby sofrido um ataque cardíaco, tão nova? Teria havido um acidente de automóvel? O Andy não mo explicara, mas ele estava destroçado. E o que o magoava a ele magoava-me a mim.

Enfiei uma meia dúzia de notas na mão do arrumador do hotel, para que me fosse buscar o carro, acompanhei a Guin, manifestamente transtornada, até ao salão de baile, e enchi-a de desculpas, entregando-a aos cuidados do Matt Damon. Quando voltei a sair, tinha o carro à minha espera.

Acelerei em transe até casa dos Cushmans, no meu extravagante carro desportivo. Tinha sido a compensação de um cliente para eu guardar o seu terrível segredo, mas, quando não estava no seu estágio regular na oficina, era mais um íman de polícias do que outra coisa qualquer.

Abrandei à entrada de Bluffs, em Pacific Palisades, aquele bairro ultraviado cheio de casas e pequenas lojas à beira da praia. Dez minutos depois, travei a fundo no caminho de entrada da casa do Andy.

O crepúsculo abatia-se sobre as coisas. Não havia luz na casa, e a porta da frente estava escancarada, com a ombreira em estilhaços.

Haveria um intruso na casa? Tinha as minhas dúvidas, mas tirei a arma do porta-luvas antes de entrar.

Aqueles meus três anos aos comandos de um *CH-46* durante a guerra tinham aguçado a minha acuidade visual. Habituei-me a ter de consultar num relance os instrumentos de voo e a perscrutar o solo no segundo a seguir, à procura de qualquer movimento, nuvem de pó, fumo, reflexos, vultos de pessoas ou clarões de luz.

Agora, como investigador, tinha mais uma aplicação prática para as minhas capacidades invulgares de deteção de anomalias. Podia olhar para a cena de um crime e perceber quase de imediato se havia alguma coisa fora do lugar: uma gota perdida de sangue, uma cacetada numa parede pintada, um cabelo numa alcatifa suja.

Quando entrei na casa dos Cushmans, procurei quaisquer indícios de tumulto na sala de estar. Almofadas impecáveis. Tapetes alinhados. Livros e quadros, tudo no seu sítio.

Chamei pelo nome do Andy e ele respondeu-me:

— Jack? *Jack!* Estou no quarto. Anda cá.

Mantive a arma empunhada, uma pistola *Kimber .45* feita por encomenda, enquanto atravessava as salas espaçosas até ao quarto principal, que tinha a sua própria ala nos fundos da grande vivenda.

Apalpei à procura do interruptor junto à porta e acendi as luzes. O Andy estava sentado à beira da cama, dobrado sobre si próprio, com a cabeça entre as mãos ensanguentadas.

*Cristo, nosso senhor! O que raio se passou aqui?*

Ao contrário da sala de estar, o quarto parecia ter sido atravessado por um furacão. Os candeeiros e as molduras das fotografias em estilhaços. A televisão arrancada da parede, mas ainda com o cabo ligado.

Os vestidos, sapatos e roupa interior da Shelby tinham sido espalhados à toa por todo o quarto. *Oh, Deus! Oh, Deus, nosso senhor!*

A Shelby estava deitada no meio da cama, de cara para cima, sem roupas e completamente morta.

Tentei absorver tudo aquilo, mas era impossível compreender. Ela fora baleada na testa. Tendo em conta a poça de sangue que empapava os lençóis claros de cetim, parecia que tinha levado um segundo tiro no peito.

Tremeram-me os joelhos com a estupefação. Lutei contra o impulso de me agarrar ao Andy, de me agarrar à *Shelby*. Mas não devia, *não podia* fazer isso. Pôr um pé que fosse dentro do quarto só acabaria por contaminar a cena do crime.

E por isso chamei o meu amigo da soleira da porta:

— Andy... O que foi que se passou aqui?

Ele ergueu os olhos na minha direção, com a sua cara redonda totalmente lívida, os olhos raiados de sangue, os óculos à banda. Tinha a cara e as mãos ensanguentadas. A voz saiu-lhe trémula quando me disse:

— Alguém matou a Shelby. Assim, à queima-roupa, sem mais nem menos. Tens de descobrir quem foi que fez isto, Jack. Tens de apanhar o sacana que matou a Shelby.

E com isto o meu melhor amigo foi-se abaixo e chorou como uma criancinha. E o pior é que eu também já tinha visto o Andy chorar quando era mesmo uma criança.

## CAPÍTULO 3

---

Senti o chão fugir-me de debaixo dos pés, mas sabia que o Andy estava a contar comigo para manter a cabeça fria pelos dois. Ao fim e ao cabo, manter a calma numa situação de emergência devia ser o meu cartão de visita. Não era à toa que eu me chamava Jack Morgan, pois não?

Disse ao Andy para ficar onde estava, fui até ao carro e voltei com uma *MD 80*, a melhor máquina que já fizeram para fotografar cenas de crime. Tinha infravermelhos e GPS e falava uma dúzia de línguas — caso alguma vez eu precisasse de saber em persa ou mandarim que me tinha esquecido de tirar a tampa da lente.

Tirei uma dúzia de fotos da porta do quarto, registando todos os pormenores de que me consegui lembrar.

Enquanto tirava as fotografias, tentei imaginar o que se poderia ter passado ali durante o tempo que levou o homicídio.

Além do sangue na cama e no corpo da própria Shelby, não havia vestígios que saltassem aos olhos em mais lado nenhum: nada de borrifos nem salpicos nas paredes, nem pingos nem marcas de arrasto no chão. Ela fora morta ali mesmo onde estava, quase de certeza absoluta. Imaginei-a a encolher-se de medo contra a cabeceira da cama, quando o intruso irrompeu pelo quarto adentro. Ele obrigou-a a ficar quieta, certo? E depois disparou duas vezes — no peito e na testa. Ela sangrou abundantemente dos ferimentos e acabou por morrer.

Qualquer que fosse o motivo retorcido do intruso, não podia ter sido nitidamente um simples roubo. A Shelby ainda tinha no dedo o seu anel de noivado, e um diamante ainda maior pendia-lhe de um colar à volta do pescoço. A malinha *Hermès* ainda estava no toucador, fechada e impecável.

Mas então, se não tinha sido um assalto, o que fora?

De repente, tal como qualquer detetive de homicídios, o meu espírito foi atravessado por uma ideia. Teria o Andy matado a mulher? Seria essa a razão para ele me ter chamado? Muito provavelmente, eu era a melhor pessoa em Los Angeles para tratar do assunto, para fazer desaparecer tudo aquilo.

Falei calmamente com o meu amigo, dizendo-lhe o quanto lamentava e como estava em choque. E então pedi-lhe que deixasse ali a Shelby e viesse ter comigo.

— Temos de falar do que se passou, Andy. Temos de falar agora.

Ele veio até à porta, gemeu e caiu-me sobre o ombro a chorar.

Amparei-o enquanto o conduzia até uma cadeira na sala de estar. Sentei-me no sofá, afastando-me dele de propósito. Os próximos dez minutos ou mais iam ser bastante mauzinhos — tanto para ele como para mim.

Comecei pelas perguntas mais fáceis:

— Ligaste para o 112?

— Eu... Eu... Não queria aqui a bófia antes de te chamar. Não, não liguei.

— Andy, por acaso tens uma arma? Tens uma arma aqui em casa?

Ele abanou a cabeça.

— Não. E nunca tive. Tenho um medo do caraças de armas. Sabes isso perfeitamente.

— Está bem. Muito bem. Reparaste se... por acaso levaram alguma coisa?

— O cofre fica no meu estúdio. Eu entrei pela garagem. Tinha estado no escritório e pus a pasta no estúdio antes de vir

até ao quarto... Parecia tudo normal. Não sei, Jack. Não me pareceu que houvesse nenhum assalto. Mas a verdade é que a minha cabeça...

Metralhei o Andy com mais e mais perguntas e ele respondia-lhes enquanto olhava para mim como se eu fosse o barco salva-vidas e ele tivesse acabado de cair ao mar no meio de uma tempestade. Disse-me que a última vez que tinha visto a Shelby fora naquela manhã, antes de sair para o trabalho, e que tinha falado com ela do carro apenas uma hora antes. Ela parecia ótima.

— Esta vai doer — avisei-o. — Ela andava metida com alguém? Ou tu?

O Andy olhou para mim como se eu tivesse perdido a cabeça e retorquiu:

— Eu, Jack? Não. E ela? Ela amava-me. Não teria nenhuma razão para fazer isso. Estávamos os dois apaixonados, tão profundamente apaixonados... Nunca pensei que alguma vez pudesse sentir o que sentia pela Shelby. Estávamos a tentar fazer um bebé...

Inspirei levemente, tentando manter o controlo, e voltei à carga.

— Alguém te ameaçou, ou à Shelby?

— Vá lá... Não te esqueças que sou só um contador de feijões com a mania de que é importante. E quem é que ia querer matar a Shelby? Ela é tão querida... Toda a gente gostava tanto dela...

Parece que não era bem assim.

Eu tinha de lhe perguntar:

— Diz-me lá a verdade, por favor, Andy. Tens alguma coisa a ver com o que se passou aqui?

A expressão dele não levou nem dois segundos a passar da dor ao choque e depois à raiva.

— Estás a perguntar-me isso? Sabes perfeitamente como eu gostava dela. Vou responder-te, mas nunca mais quero ter de repetir isto outra vez. *Eu não a matei, Jack.* E não sei quem foi

que a matou. Nem me passa pela cabeça como é que isto foi acontecer. Não faço a mínima ideia, Jack.

A noite estava a cair. Levantei-me e liguei uma luz. O Andy olhava para mim como se eu tivesse acabado de lhe dar um murro na cara.

Cristo... Eu era ou não era o seu melhor amigo?

— Acredito em ti — respondi-lhe. — O que não impede que a bófia te ponha a cozer em banho-maria. Percebes isso? O marido é sempre o suspeito número um.

Ele anuiu com a cabeça e desatou a chorar outra vez.

Levantei-me e fui até ao vestíbulo. Liguei para casa do chefe da polícia, Michael Fescoe. Ao longo dos últimos dois anos, tínhamos ficado os dois amigos. Ele andava deprimido com o seu emprego de merda, mas era um bom homem e eu confiava nele.

Dei-lhe uma ideia geral sobre o que se tinha passado, expliquei-lhe que eu e o Andy éramos amigos de infância e colegas de república na Brown e que eu punha as mãos no fogo por ele.

Fiquei com o Andy até chegarem os agentes e a unidade de investigação criminal. Ouvi-o dizer a um detetive que a Shelby não tinha um único inimigo no mundo.

E, no entanto, isso não tinha impedido quem quer que a tivesse matado de se dar a todo aquele trabalho para fazer passar a mensagem.

Aquilo não fora uma simples execução.

Era pessoal.

# PRIVATE

## AGÊNCIA INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO

*Quando os ricos e poderosos estão em apuros,  
não é para a polícia que ligam...*

Jack Morgan, antigo fuzileiro naval e agente da CIA, herdou do seu pai a Private, uma reputada agência internacional de investigação e segurança — e, com ela, uma carga de trabalhos que pode levá-lo ao ponto de rutura. Os segredos dos homens e mulheres mais poderosos chegam diariamente a Jack e aos seus agentes, que usam técnicas forenses de ponta para resolver os seus casos.

Como se não lhe bastasse ter de apurar a verdade sobre um escândalo de jogo ilegal na liga de futebol americano e tentar resolver um inquérito criminal sobre as mortes selváticas de 18 raparigas, Jack ainda vai ter de desvendar o tenebroso assassinio da mulher do seu melhor amigo — e sua antiga amante.

Com uma narrativa que se desenvolve a um ritmo alucinante, *Private: Agência Internacional de Investigação* é o mais excitante e vibrante *thriller* de James Patterson.

**«O prolífico Patterson continua imparável.»**  
— *USA Today*

**«James Patterson sabe como criar suspense  
e emoção, numa prosa limpa e consistente.»**  
— *People*

**Um excelente policial, de leitura compulsiva  
e com uma narrativa de ritmo estonteante.»**  
— *Daily Mail*



Espreite o  
vídeo deste  
livro no  
ecrã de um  
telemóvel.



**TOPSELLER**  
livros que se devoram

20|20 editora

Série Private, n.º 1  
Classificação: Ficção/Policial

ISBN 978-989-8626-09-7



9 789898 626097

www.topseller.pt